

MEMÓRIA, REPRESENTAÇÃO E REFERÊNCIA

Marcelo Ferreira Lemes*
Rodrigo Tavares Godoi**
Vanessa Barbosa de Oliveira***

Resumo:

A memória coloca-se numa posição dialética na filosofia da memória de Henri Bergson. A partir de Bergson a lembrança constitui-se como acontecer da memória. A memória ação possibilita a relação entre possível e real a fim de haver compreensão. A compreensão da memória volta-se para a relação entre causa e efeito. Mas, a condição de memória ação e de compreensão da memória na experiência se faz pela negação das concepções de conservação do passado e da *endosse* como determinação exterior ou psicológica.

Palavras-chave:

Memória. Representação. Referência.

Havendo percepção, há memória e esta, mais que a percepção mesma, não possui sua condição real e completa no estado cerebral.
Bergson

Existem os conteúdos do presente que são de condição passada e outros que, provém do passado, são conteúdos eideticamente presentes.
Vetö

A escrita deste texto orienta-se a partir da pesquisa em desenvolvimento vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Sob o tema *Pesquisa histórica: memória como referente e debate teórico*, visamos o objetivo de pensar a memória pelo ponto de vista do *bergsonismo*¹. E, para que este projeto seja dinamizado, recorreremos à querela sustentada e mantida, desde o início do séc. XX, por Maurice Halbwachs contra Henri Bergson. Em outros termos, de maneira geral, trata-se de um debate não existente entre ambos. Considera-se não existente porque Bergson não respondeu as críticas sustentadas na

* Acadêmico do 4º Período de História da Universidade Federal de Rondônia, voluntário PIBIC e bolsista da monitoria em Teoria da História; participante do grupo de pesquisa em Teoria da História e Historiografia (GPETH) da Universidade Estadual de Goiás.

** Professor de Teoria e Filosofia da História na Universidade Federal de Rondônia, coordenador do projeto de pesquisa *Pesquisa histórica: memória como referente e debate teórico* (PIBIC) e coordenador da monitoria em Teoria da História; doutorando em história pela Universidade Federal de Goiás; bolsista FAPEG; membro consultivo da Revista Expedições: Teoria da história e historiografia da Universidade Estadual de Goiás e pesquisador do Grupo de Pesquisa de Teoria da História e Historiografia; sócio da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH).

*** Acadêmica do 4º Período de História da Universidade Federal de Rondônia e bolsista PIBIC; participante do Grupo de Pesquisa em Teoria da História e Historiografia da Universidade Estadual de Goiás (GPETH).

¹ Nossa leitura de Bergson pauta-se necessariamente de sua obra e de indicações apresentadas por Gilles Deleuze. Dispensamos aqui qualquer possibilidade de pensar a filosofia de Bergson que não esteja relacionada a metafísica e imanência.

sociologia de Halbwachs. Os motivos específicos do por que não foram dadas respostas, não os sabemos; mas, a partir da própria orientação teórica de Bergson, as respostas não apareceram, devido aos, supomos, caminhos estrangeiros adotados por ambos em relação a memória. Mesmo na distância teórica entre estes dois intelectuais, alguns leitores estabelecem diálogos possíveis entre Halbwachs e Bergson. Neste sentido, este texto também tentará estabelecer um diálogo entre ambos, mas com a sinalização, mesmo que introdutoriamente, à inconciliável aproximação teórica destes dois intelectuais.

É possível encontrar interpretações no campo da psicologia social e da história que visaram *apaziguar* a relação de conflito entre Bergson e Halbwachs. Não quer dizer que o debate existente nesses textos eliminou a contradição entre ambos. Mas que, por convenções, alguns problemas permanecem e acentuam-se. Mesmo não adentrando ao conteúdo de autores, que tentaram aproximar Bergson de Halbwachs ou vice-versa, a intenção deste texto é apresentar o princípio do *ato negativo*. Em outros termos, há, por parte dos autores presentes nesta discussão, tensão àquilo que Wolfgang Iser, em seu texto *A interação entre texto e leitor*, chamou de intenção do autor e a expectativa atribuída ao público intencionado. Quer dizer que os elementos presentes em nossa discussão, estarão apresentados não por uma tentativa de conciliação, mas de negação em relação a esse tipo de ação interpretativa. Devido ao fato de ser uma pesquisa em andamento, este texto possui como meta apresentar algumas noções introdutórias. A partir do próprio Bergson e Halbwachs, dedicar atenção para algumas prerrogativas encontradas nos textos de Ecléa Bosí e Jacy Alves de Seixas. Para a primeira, a partir da psicologia social, a memória em Bergson torna-se sinônima de conservação do passado. No caso da segunda, historiadora, a memória, sob o ponto de vista bergsoniano, é colocada submetida à representação. Em termos diferentes, a proposição de que o fora e o externo são correspondentes.

A conservação do passado

Mesmo Bergson reconhecendo que o passado possui uma relação estreita com o presente, não significa que um permanece antes que o outro. É justamente no texto *Le possible et le réel* que Bergson discutiu a respeito da realidade. Quando se trata de realidade, temos como certo de que ela e historicidade manifestam-se intrinsecamente². Então, possível

² Deleuze e Félix Guattari, em seu texto *O que é a filosofia?*, a partir da leitura em Bergson, radicalizaram por colocar a historicidade sob três elementos e não dois: rosto existente, linguagem real e mundo possível.

e real mantém vínculo estreito, sob o ponto de vista da memória, com virtual e atual³. A relação imediata que se faz desta discussão, clarifica-se pelo fato de que o *avenir* não localiza-se na distância temporal entre passado e *futuro*⁴. Mas, para pensar realidade e historicidade da memória, é necessária a ação, ou seja, o acontecimento da memória. Então, enquanto ação a memória, na proposta de Bergson, passa a ser interpretada de maneiras diferentes e até mesmo contraditórias. Neste caso em especial, a atenção volta-se para a sua condição de conservação do passado. Assim, a relação entre passado e *avenir* na memória é colocada mediante um impasse entre percepção e lembrança, o que afeta diretamente o tipo de leitura que se faz do bergsonismo. Deste modo, os apontamentos que se seguem se darão para meditar na validade relacional entre conservação e memória.

Para iniciar a discussão da percepção e da lembrança em Bergson, é preciso justificar do porque dedicaremos tempo para esta questão de importância teórica que remete para o problema da conservação. O fato é, em Halbwachs é presente a contestação em relação a Bergson por ter colocado a lembrança na condição de passado por uma relação com a percepção do tempo homogêneo. Essa discussão foi lançada na sua obra *Les cadres sociaux de la mémoire* e que, foi também utilizada como argumento por Ecléa Bosi, em seu texto *Memória-sonho e memória-trabalho*, a fim de justificar um grau de relativização da memória enquanto conservação do passado. Nos argumentos de Halbwachs e reproduzidos por Bosi, para que fosse possível pensar na possibilidade de uma preservação, por inteiro, de uma lembrança ou da própria memória, devia-se estabelecer duas situações: primeira, a negação da percepção do presente e; segunda, a percepção do presente deveria colocar-se na mesma situação que a percepção passada. Ou seja, a defesa constituída por Halbwachs, localizou-se na relação estreita entre percepção do presente e quadros sociais. Por ocasião da rejeição de Bergson, o argumento de Halbwachs apresentou o exemplo da leitura. Quer dizer que, sob o ponto de vista dos quadros sociais, uma criança que leu um livro e que ficou nela registrada imagens da leitura, não significa que, quando adulta, essas imagens ressurgam, inteiramente, pela releitura do livro. Bosi justificou este argumento por apropriar-se, a partir de Bergson, do termo *endosse*. Este termo demonstra o reconhecimento que Bergson tinha da confusão que se mantém entre passado e percepção. É presente, ainda, outra justificativa desta situação em relação a memória, ou seja, do seu estado de confusão e contaminação. Bosi, no seu texto

³ Mesmo anunciando um debate importante para Bergson, virtual e atual não entrarão neste texto devido temática central que orienta sua escrita. Para tratar de virtual e atual, a discussão deveria se desdobrar para o problema da linguagem em Bergson.

⁴ É preciso ter cuidado com este termo em Bergson. Não se pode confundir futuro com um senso de previsibilidade; neste sentido, Bergson preferia utilizar o termo *avenir*.

A *substância social da memória*, utilizou-se da representação feita por Bergson, na obra *Matière et mémoire*, a respeito do cone da memória a fim de argumentar. Nos termos de Bosi, há uma relação *inseparável* entre lembrança e presente da percepção, ou seja, há explícita defesa de suas relações com o psicológico e com a subjetividade.

Para permanecermos diretamente ligados a proposta deste texto, devemos nos afastar da discussão interna presente no texto de Bosi. É possível compreender que, por uma psicologia social, o princípio orientador da tese de Bergson fica sufocado por idiossincrasia. O problema está no fato da limitação de Bergson ao cronológico (seja ele temporal ou biológico). Esse tipo de leitura impossibilita pensar a categoria *eidética* do conteúdo de Bergson. Como podemos pensar essa possibilidade? Reconhecendo a *duração* como princípio, presente também no texto de Bosi, abre-se a discussão central para adentrar a obra de Bergson. Mesmo assim, a duração em Bergson, a partir do próprio *Matière et mémoire*, pode ser entendida pelo termo *étendue*⁵. Contestada não somente por Halbwachs, mas por uma maioria entre os leitores de Bergson, a duração tornou-se suspeita na sua base porque, segundo esses, ela sustenta-se a partir da intuição e não pela epistemologia. Sob princípio epistemológico, a memória em Bergson precisa responder a questões ligadas a representação e referência. Em Halbwachs essa solicitação foi ativada e reconhecida por Bosi através dos *Cadres*. Tanto em *Memória coletiva* quanto *Les cadres sociaux de la mémoire*, é presente em Halbwachs uma relação simbólica que liga representação e referência. Em outros termos, há uma exigência social para manifestação individual⁶, de um lado e; crise da duração em relação ao tempo real, de outro⁷.

Então, como minimizar o conflito em relação a Bergson e relativizar a ideia de lugares vazios de sua obra? É preciso retomar o problema da temporalidade e da memória a fim de equilibrar algumas questões, até então não respondidas. A discussão a respeito do *eidético* é possível ser encontrada em Miklos Vetö, no seu texto *Le passé selon Bergson*. Deste modo, o *eidético* se torna uma contradição em relação a memória subordinada ao cronológico. Em outros termos, sob o ponto de vista da psicologia social, é possível compreender o *eidético* a partir da conservação pura do passado. Mas, o *eidético*, na leitura de Vetö, concentra-se na

⁵ Sob elaboração do professor Roberto Alvim Corrêa, o Dicionário Francês-Português/ Português-Francês, define *étendue* como duração, vastidão e extensão. Como é presente em Bergson uma discussão a respeito da extensão como ausente de sentido, é preciso dar atenção para como pode-se compreender o que coloca em relação duração e extensão neste termo.

⁶ Discussão presente também no texto *La psychologia collective du raisonnement*.

⁷ Discussão presente no texto de Joël Candau nos textos *Antropologia da memória* e *Memória e identidade*.

duração (*étendue*) e não na conservação⁸. Quer dizer que o passado independe do presente devido ao que Bergson defende em relação a coincidência. É no *Matière et mémoire* que Bergson estabeleceu o corpo como centro movente entre passado e *avenir*. É nele que há relação intrínseca e não separável como reconhecimento. E este é possível caso haja uma relação direta com a experiência voltada à ação. O reconhecimento destina-se para além da simples relação entre percepção e lembrança. E, em caso de automatismo, existe um afastamento do objeto e, deste modo, não se tem a memória como orientação do agir a partir do *avenir*. Em contrapartida, a atenção representa uma aproximação do objeto pela imagem reflexa. Como sentido positivo, é neste momento que Bergson declarou haver um estado de tensão. O reconhecimento e o mecanismo motor passam a ser a base ou uma pré-disposição para que o primeiro ocorra. O mecanismo motor desenvolve-se como uma ação nascente, um destino para a ação circunstancial. Caso haja desconexão entre reconhecimento e mecanismo motor, ocorre o que se chama de doença psíquica, ou seja, ausência de orientação espacial e temporal.

A pré-disposição não destina-se a pensar propriamente a duração (*étendue*), mas uma situação biológica. Seria uma aproximação da concepção do materialismo de Regina Schöpke, no seu texto *Matéria em movimento*, que apreende uma questão de DNA. Independente da situação descrita, além da pré-disposição é presente conteúdos. Estes conteúdos se dão pela memória-ação ou pela memória-lembrança. Enquanto ação, a memória possui como princípio lançar o corpo na dinâmica entre espaço e tempo. No caso do primeiro, essa memória orienta o corpo entre objetos e no caso do segundo, o passado expira-se na própria ação. O conteúdo desta ação esboça-se por esforço acumulado, inteligência, sistemática ou utilitarismo. No caso da memória-lembrança, é preciso pensá-la pela percepção e esta se faz por *em* ou *da*. No caso da lembrança em percepção, o que se faz presente é o hábito ou a repetição, ou seja, não se apresenta como representação. Quanto a lembrança da percepção, o que se apresenta é uma imagem reflexa ou uma representação. Destina-se para acontecimentos da vida que não se repetem. Os acontecimentos tornam-se objetos. A memória-lembrança da percepção liga-se ao tempo e espaço do corpo por especificidades e circunstâncias. Enquanto imagem reflexa, a lembrança da percepção trás à percepção antigas imagens. Para Bergson, um exemplo é o da

⁸ Nos termos de Vetö, o passado é diferente nele mesmo. Não podemos pensar o passado em Bergson a partir da noção do *já não é mais*. Há, em relação ao presente, um *fatiar* do passado. Esta diferença do passado nele mesmo torna-se a medida entre a percepção e a lembrança. Não se pode pensar a lembrança como uma percepção enfraquecida. Devido a natureza, a percepção e a lembrança possuem realidades diferentes. Não há sucessão entre percepção e lembrança, mas contemporaneidade. A representação coloca, sob o ponto de vista da cronologia, em mesmo momento tempos diferentes.

leitura. Significa dizer que a atenção não concentra-se na expressão propriamente (ler palavra por palavra), mas no expresso (o sentido). Quando a lembrança em percepção, como imagem-lembrança, é absorvida pela ação, significa que não houve qualquer tipo de representação. Ela é entregue a espontaneidade por ser reprodutiva e conservadora. A conservação não é capaz de refletir sobre conteúdos que pertencem a natureza diferente da lembrança hábito. Por meio de Vladimir Jankélévitch, em seu texto *Le néant des concepts et le plein de l'esprit*, atestou ser a lei de conservação, uma exigência científica que não condiz com a ocupação teórica de Bergson. Mesmo não adentrando ao debate entorno da concepção de conservação presente em cada autor ou tradutor do pensamento de Bergson, o que fica é a contradição de Bergson em relação a ela. A ocupação de Bergson não se trata de conservação, esta se aproxima da ideia de retenção ou de lugar. A memória, a partir de sua obra, trata de uma situação heterogênea e de multiplicidade que localiza-se no *não* lugar. O conteúdo ao qual Bergson reporta a memória, enquanto consciência, aproxima-se do que Maurice Merleau-Ponty descreveu, em seu texto *Résumés des Cours*, como *não*⁹. O que se tem, a partir de Merleau-Ponty e Deleuze, é uma questão de *mistura*.

A noção de misto no pensamento de Bergson é presente em Hans-Georg Gadamer, no seu texto *Arte y verdad de la palabra*, a partir do corpo. Não é possível pensar a memória como um elemento independente da compreensão que se realiza pelo corpo. O exercício de compreender a memória se faz através do corpo e não fora dele. Mesmo neste misto, o que Bergson, pela intuição, não reconhece é a representação ocupar a atenção central ou ser ela a referência da memória. No texto *A lógica do sentido*, Deleuze assinalou para que a representação, no sentido dado por Bergson em *Matière et mémoire*, se aproxime da noção de acontecimento, ou seja, a representação como expressão passa a comportar-se enquanto efeito e não a memória *mesma*. Por isso, nenhum acontecimento encontra-se compreendido por justaposição. Na relação causa e efeito, cada acontecimento, enquanto fato da consciência, coloca-se apreendido em si mesmo. Ou seja, a compreensão da memória está em sentido inverso a questão colocada pela analítica ou descrição. Então, sinalizamos para uma questão teórica que está para além do problema suscitado em Halbwachs. Este além, é a recusa da conservação pura porque a noção de conteúdos de Bergson pode ser compreendida, se dermos atenção também para Georg Simmel, em seu texto *La configuración histórica*, pelo nome de *puissance*. Bergson não mencionou ou referiu a conteúdos na qualidade de aprendizado ou de informação. Sua concentração é para a relação coincidente entre *força* ou *potência* que

⁹ Esta ideia do não e defesa dos símbolos, abre sua contestação em relação ao inconsciente de Sigmund Freud.

redireciona os conteúdos apreendidos na experiência subjetiva a fim de orienta-se no tempo homogêneo. A confusão presente sobre o bergsonismo, sob o princípio da *endosmose*, se apresenta por leituras que apreendem a referência¹⁰ como representação. Deste modo, referência e representação são distintas em Bergson¹¹. A referência deixa de ser um pré-dado e passa a composição de sentido. Ou seja, não há uma possibilidade de exteriorização ou externo ao corpo que dê conta da memória. Se há uma referência, ela não pode ser na representação, mas na duração¹².

A dialética entre fora e externo

De maneira sucinta, Seixas colocou em evidência, em seu texto *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*, duas situações que entram em conflito: memória voluntária e memória involuntária. Para a primeira, não atinge o estatuto pleno da memória porque está voltada para a vida prática; destina-se para repetição passiva e mecânica. De outra forma, significa mencionar que este tipo de memória é uma iluminação da memória e não ela mesma. Em contrapartida, a memória involuntária é mais elevada. Ela não é representativa, mas afetiva; ela ordena-se a partir de lampejos bruscos que se afastam da memória voluntária. Sua função não é preencher lugares vazios ou colocar rostos, ela é descontínua. Podemos apreender que a autora está pretendendo mencionar que o passado insiste em ser presente pela ideia de inacabado ou do seu retorno a partir da reatualização. Para a reatualização da memória, a autora afirmou haver uma relação direta com o instinto.

A partir do atual estágio da pesquisa, na mesma obra em que a autora buscou pensar Bergson, é presente duas situações complementares: imagem mediadora e intuição. Bergson estava tratando da qualidade da interpretação. A ideia de conservação que confunde o *dehors*

¹⁰ Por referência, compreendemos o disposto nas reflexões de Frank Ankersmit, em seu texto *Representação e referência* e Iser. Deste modo, podemos mencionar que por referência tem-se a noção de pré-dado como condição externa e dada para a representação.

¹¹ É de extrema importância evitar um possível mal-entendido aqui. A referência, dada como princípio epistemológico, compreende a noção de real sob princípio do pré-dado. Este concentra-se a partir da ideia de externo e apreensível. Daí a questão colocada por Ankersmit da importância de pensar a representação em contraposição aos enunciados verdadeiros. Mas, em Bergson e Deleuze, a referência não pode ser apresentada como um pré-dado, mas uma composição de sentido. Neste caso, o importante não são as descrições das lembranças por apreensão de conteúdos e meditar nas suas variações em relação a idiosincrasia; mas de raciocinar como, a partir de uma função não unicamente informativa, a memória concentra elementos que estão para além da conservação e que destinam-se para a vida, orientação e liberdade. Pela condição de pensar a memória na posição exata entre expressão e expresso no acontecer que não se pode confundir a noção de representação de Bergson com a nostalgia proposta por Ankersmit a fim de justificar a representação como diferença em relação a referência. Não se trata de um princípio epistemológico, mas imanente.

¹² A duração como *étendue* preserva uma relação entre *avenir* (o que se apresenta como implicação para a liberdade e criação pelo fato de não haver previsibilidade) e *devenir* (a capacidade de liberdade a partir de uma *puissance* que se faz presente a partir de referências de conservação- dadas pela experiência subjetiva- e de referências *eidéticas* apresentadas como possível e real). Para esta última, minimizar o *fardo* da história.

com a representação, considera Bergson a partir de um princípio que não pertence a ele mesmo. Se, dada atenção para o que foi dito no início do texto, à querela entre Bergson e Halbwachs, este tipo de leitura coloca Bergson a partir do que foi dito desde Halbwachs. Pela ausência de diálogo, por parte de Bergson em relação a Halbwachs, e pela mudança de orientação de uma psicologia filosófica para uma psicologia epistemológica, a memória ficou enclausurada. Nos termos de Candau, em seu texto *Memória e identidade*, a memória foi apresentada por Halbwachs de maneira que representação e referência não se distanciam. O dado simbólico do social apreende a experiência subjetiva que impõe o que se apresenta enquanto memória. A partir de Halbwachs, está presente no texto *Matière et société* a determinação da memória ser válida, se for a partir da relação com o grupo. Há uma convenção social do ato de lembrar, ou seja, na condição social do indivíduo, a matéria é tornada espaço (coletivo). Sintetizando Halbwachs em uma única frase, Candau utilizou-se da afirmação: não nos lembramos sozinhos. Assim, Candau insistiu na ideia de que Halbwachs não meditou na condição idiossincrática da memória, ou seja, da relação subjetiva que o indivíduo possui das comemorações sociais. Como, então, raciocinar a dialética entre fora e externo?

A redução do debate bergsoniano a um problema psicológico confundiu, em sentido negativo, fora e externo. Quando Bergson falou de matéria, ele não se reportou para a representação (confusão presente em Halbwachs). Como o problema é do externo confuso com o de fora, então, estamos dando mais peso para este segundo que para o primeiro¹³. A matéria não é espaço e o de fora não se apreende em objetos. Esta atestação pode ser encontrada em toda a obra de Bergson. Dando atenção unicamente ao texto *Essai sur les donnés immédiates de la conscience*, o espaço foi retratado pela interrogação de Bergson quanto a: os números possuem tempo ou espaço? Sua resposta apontou que os números são compostos de espaço, não há a menor condição de pensá-los a partir da consciência. A matéria fica ilimitada em relação ao cérebro e a objetos. Deste modo, é possível afirmar que a matéria ocupa pontos de espaço como momentos de tempo. O termo *endosmose*, apropriado por Bosi, faz parte de uma noção primordial em Bergson. Ela é primordial porque coloca em evidência esta confusão que se faz entre matéria e espaço. Ao espaço estão destinados os adjetivos de: vazio, extensivo, múltiplo e homogêneo. Ao mesmo tempo, Bergson confirma a ideia de que é nele que o tempo se projeta. O problema que identificamos, até o presente momento, está na leitura que se faz da noção bergsoniana da *endosmose* para compreender a

¹³ Esta atribuição de peso não pode ser mantida pela noção de mais ou menos, mas pela condição conceitual estritamente.

relação entre tempo e espaço. Este problema inaugura e sustenta a dialética da *endosmose* pela redução de sua filosofia da memória. Esta perspectiva estabelece a memória no limite da representação, de um lado ou, na sua ausência, de outro. Em ambos os casos, há prejuízos a sua base filosofante. Possivelmente, as confusões interpretativas se deram porque, pela noção de *endosmose*, Bergson não teve tempo para demonstrar, através do *método* da intuição, o processo da coincidência entre tempo e espaço. Dito de maneira diferente, Bergson não concluiu sua investida de: separar para coincidir. Tem-se, então, a *endosmose* por uma intriga entre imagem e matéria, matéria e representação¹⁴.

Neste ponto, podemos acrescentar que, pela leitura de Seixas sobre Bergson, a memória voluntária e a memória involuntária deixam escapar o critério formativo (orientador) da memória. Não se trata exclusivamente de uma dualidade entre tempo e espaço, mas de uma dualidade que se duplica continuamente. Em todos os seus conceitos fundamentais há o critério da dualidade, Bergson não separou imagem de matéria e nem matéria de espaço a ponto de haver uma dicotomia ou paralelismo. A memória, enquanto *étendue*, não promove uma preservação do passado ou coloca a memória na condição exteriorizada (por representação ou simbólico). A fim de evitar maiores complicações, por analogia a Simmel, o termo *étendue* se apresenta como uma extensão. Não falamos aqui de uma extensão do espaço, mas de uma duração de conteúdos formativos e manifestos pelo *élan vital*. Por uma afirmação um tanto ambígua, queremos dizer: a atestação de chegada do que nunca se afastou. A noção de conteúdo se apresenta dialética pelo fato de haver duplicidade. No *La conscience et la vie* Bergson afirmou que cada indivíduo se faz orientado a partir de suas relações sociais. Esta situação pode ser compreendida pela metáfora da digestão. Simultaneamente ao processo digestivo há acúmulo de energia (esta a percepção atual não apreende). Ou seja, a cada instante da experiência subjetiva são presentes elementos inter-comunicativos¹⁵ assim como na sociedade das formigas¹⁶. Esses elementos não se confundem com intersubjetivo e interpessoal, e isto não significa independência. Então, afirmamos que a defesa de Bergson é: o ato criador e a liberdade dependem diretamente desta condição que não se limitar à condição histórica do sujeito, mas que dela se apreende para a realização. Assim, pensar a memória voluntária limitada a passividade e a repetição mecânica e a involuntária como

¹⁴ A intriga entre matéria e tempo (duração) está presente nas críticas de Schöpke em relação a Bergson.

¹⁵ Apropriação do termo de Schöpke.

¹⁶ Este é um ponto de extrema importância. As formigas orientam-se, mas em relação a uma natureza da ausência de memória para o *avenir*. As formigas não são capazes de produzirem representações, estas não possuem referências. O elemento inter-comunicativo é gerido por uma não consciência das relações sociais. As formigas são individuais e não possuem condição interpessoal ou intersubjetiva. Não há ação entre as formigas. Mesmo assim, elas *orientam-se* por uma condição inter-comunicativa decorrente da *plasticidade* da memória.

descontinuidade, reduz, e muito, a filosofia da memória de Bergson a condição de: primeira, a memória pura é impossibilitada de ser compreendida; segunda, a memória fica presa ao princípio da conservação. Nem uma e nem outra são positivamente coerente com o bergsonismo.

Atrelar a vida prática, enquanto ação, à memória repetitiva ou mecânica é desconsiderar o princípio da coincidência em relação a importância da *endosmose*. Mesmo sendo ela importante, não significa que Bergson concordou com a limitação da memória a psicossociais¹⁷. A ação de rememorar constitui-se para além da repetição. A rememoração não está para uma questão orgânica, mas para representação. E, como não se trata de uma referência, enquanto pré-dado, os conteúdos informativos não correspondem a uma referência externa ou simbólica. A radicalização, seja por meio da noção de espaço ou pela idiosincrasia, inviabiliza pensar ou meditar na filosofia da memória de Bergson. A coincidência e a confusão na *endosmose* preservam a possibilidade de pensar a causa da memória através do possível e do real¹⁸. Deste modo, a concepção filosófica de Bergson contesta a intenção de descoberta de um encoberto, ou seja, ao contrário de Kant, não há nenhum plano escondido (seja ele transcendente ou ontológico). Nos termos de Deleuze, no seu texto *As três imagens de filósofos*, afirmou ser a concepção de profundidade ou de altura, uma questão equivocada. A única questão que se coloca para a filosofia é a de superfície. Bergson, no mesmo texto *La conscience et la vie*, teve por convicção que a filosofia não se ocupa de questões abstratas, por isso manteve no centro a discussão da experiência. A interpretação é justificada se for mediante linguagem que apreende os elementos de sentido da experiência. É possível compreender Bergson como um filósofo da ação. Em sentido estrito, a ação da memória. Se a memória não acontece, não se pode compreendê-la.

Sob o ponto de vista da ideia de representação e referência, presente em Ankersmit pelo conceito da nostalgia, ocorre um afastamento da concepção bergsoniana sobre a memória. Há um misto que não se resolve de um ou de outro lado, mas do seu processo de agir para a vida. A memória seria este impulsionar para a vida, para ação e para orientação. Caso a memória desvincule-se da experiência e da ação, Bergson a teve sob o signo de fantasma. Em seu texto *L'énergie spirituelle*, compreendemos um Bergson que recusou as lembranças sob o ponto de vista da autonomia. Esse tipo de lembrança, orientada pela percepção pura, comporta-se como

¹⁷ Termo extraído de Deleuze, no seu texto *O que é a filosofia?*

¹⁸ Na relação de ambos como virtual e o atual, há expiração do passado. Na concepção bergsoniana, esta condição expirada do passado, contesta a lei de conservação e nega a condição temporal da memória pela determinação necessária.

carente de vida. Em termos mais precisos, a memória possui sua validade, enquanto consciência, sendo para a experiência. O conceito de representação incide diretamente na prerrogativa de uma referência, seja para negá-la ou para reafirmá-la. Quanto a Ankersmit, pelo conceito de nostalgia é possível afirmarmos que é presente a recusa da referência. Neste sentido, não temos o problema em reconhecer. Esse reconhecimento não é dado pelo desacreditar da capacidade de rememoração, mas a recusa da ausência de interpretação. Quando Bergson, no texto *Matière et mémoire*, se referiu a ideia de que a interpretação pertence a imagem mediadora, significa que não é possível haver lembrança sem signos. O ato de prestar atenção, ou no uso da contração cerebral, a fim de esboçar conteúdos decorrentes da experiência subjetiva, a evocação é uma forma de representação. Há intenção e finalidade a partir de uma imagem movente (o corpo que transforma todas as imagens permanecendo-se primordial). Bergson afirmou ser uma relação de esquema. Contrariando a noção de referência, enquanto pré-dado, a representação parte de uma relação entre percepção atual e percepção virtual. A coincidência entre conteúdos informativos e conteúdos *eidéticos* (orientados por ordem inversa a conservação). Ao contrário do que se pensa, em Bergson a memória consolida-se por contração e dilatação em relação ao *passado* e o *avenir*. A memória não é um recontar e nem imaginação sobre o passado. Esse passado do conteúdo informativo da experiência subjetiva está contaminado com o passado da indeterminação dos conteúdos vitais. A mistura ou o misto entre eles é possível de ser compreendido através do mediato. Na concepção de imagem mediadora, o intérprete ocupa-se com o sentido que apreende causa e efeito da lembrança. O acontecer da memória nunca poderá ser puro ou desconectado da experiência porque, caso contrário, perderia o caráter orientador. A interpretação em Bergson, segundo a leitura de Gadamer, compõe o que ele descreveu pelo signo do *deixar-se*. Em outros termos, a interpretação seria o colocar-se, por *simpatia*, na condição da terceira pessoa, em relação com *Outrem*.

Portanto, para tentar finalizar este texto, mesmo diante as lacunas decorrentes do critério de brevidade em relação aos problemas suscitados na filosofia da memória de Bergson; permanecemos na afirmação de que a concepção de conservação e exterioridade da memória é insuficiente para tratar daquilo que Deleuze chamou de metafísica imanente. Não temos conclusões a respeito da obra de Bergson, mas sinalizamos para um tipo de leitura sobre este filósofo que reintroduz a importância da experiência e da ação como acontecer da memória. Até o presente momento, compreendemos que as lembranças ofertam o caminho para pensar memória e esta não se limita aos conteúdos informativos.

Referências bibliográficas:

- ANKERSMIT, R.F. Representação e referência In: **A Escrita da História: a natureza da representação histórica**. Londrina: Eduel, 2012.
- BERGSON, H. **Essai sur les Données Immédiates de la Conscience**. Québec, Canadá: Edition Électronique Les Classiques des Sciences Sociales, 2002: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.htm.
- _____. **La Conscience et la Vie**. Le choc Bergson: la première édition critique de Bergson sou la direction de Frédéric Worms. France: Puf, 2011.
- _____. Le possible et le réel In: **La Pensée et le Mouvant: essais et conférences**. Québec, Canadá: Edition Électronique Les Classiques des Sciences Sociales, 2003: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.htm.
- _____. **L'Énergie Spirituelle: essais et conférences**. Québec, Canadá: Edition Électronique Les Classiques des Sciences Sociales, 2003: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.htm.
- _____. **Matière et Mémoire: essai sur la relation du corps à l'esprit**. Québec, Canadá: Edition Électronique Les Classiques des Sciences Sociales, 2003: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.htm.
- BOSI, E. A substância social da memória In: **O Tempo Vivo da Memória: ensaios sobre psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. Memória-sonho e memória-trabalho In: **Memória e Sociedade: lembranças de Velhos**. 2ª ed.; São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- CANDAU, J. **Antropologia da Memória**. Portugal: Instituto Piaget, 2013.
- _____. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CORRÊA, R.A. **Dicionário Escolar Francês-Português/Português Francês**. Rio de Janeiro, RJ: C.N.M.E., 1965.
- DELEUZE, G. Das três imagens de filósofos In: **Lógica do Sentido**. 2ªed., São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. & GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- GADAMER, H.-G. **Arte y Verdad de la Palabra**. 1ª ed.; Barcelona, Espanha: Paidós, 1998.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- _____. **La Psychologia Collective du Raisonement**. Chicoutimi, Québec: Edition électronique, 2002: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html.
- _____. **Les Cadres Sociaux de la Mémoire**. Chicoutimi, Québec: Edition électronique, 2002: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html.
- _____. **Matière et Société**. Chicoutimi, Québec: Edition électronique, 2002: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html.
- ISER, W. A interação entre texto e leitor in: **O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético** vol.2. São Paulo: Editora 34, 1999.
- JANKÉLÉVITCH, V. Le néant des concepts et le plein de l'esprit In: **Henri Bergson**. 3ª ed.; France: Puf, 2011.
- MERLEAU-PONTY, M. **Résumés des Cours: Collège de France 1952-1960**. Québec, Canadá: Edition Électronique Les Classiques des Sciences Sociales, 2011: http://www.uqac.quebec.ca/Classiques_des_sciences_sociales/.
- SEIXAS, J. A. de Percursos de memórias em terra de história: problemas atuais In: BRESCIANI, S. & NAXARA, M. (orgs.) **Memória e (Re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

SIMMEL, G. La configuración histórica in: **Problemas de Filosofía de la Historia**. Argentina: Ed. Nova, 1950.

SCHÖPKE, R. **Matéria em Movimento**: a ilusão do tempo e o eterno retorno. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VETÖ, M. Le passé selon Bergson In: **Archives de Philosophie**, tome 68, 2005/1.